

Salvemos a Gruta do Bode

Olvavo de Medeiros Filho *

No município norte-rio-grandense de Canguaretama existe um misterioso subterrâneo, conhecido como a Gruta do Bode, ou os Sete Buracos. Saindo-se da cidade de Canguaretama, na BR-101 em direção a Goianinha, atinge-se o rio Catu, distante cerca de quatro quilômetros daquela primeira cidade. À altura do km 158 encontra-se a Gruta do Bode, ou os Sete Buracos, distante cerca de 200 metros em relação à margem direita da rodovia.

O subterrâneo fica alguns metros abaixo do cume de um monte, em sua encosta ocidental. Um pouco mais abaixo ocorreu a tentativa frustrada de abertura de um outro túnel, cuja escavação foi abandonada, talvez por algum problema técnico surgido. O terreno onde foi escavado o subterrâneo é constituído, segundo o geólogo Júlio Nesi, "por um arenito de concreções ferruginosas a arenó argiloso, formação Barreiras".

Atualmente a entrada do túnel somente permite o ingresso de um homem deitado, o que indica já ter sofrido o local um aterro de cerca de 1,5m, pois é óbvio que à época de sua construção, o túnel de entrada permitiria o ingresso de um homem em pé.

Quanto à denominação Sete Buracos, deve-se a mesma ao fato de no interior da terra existirem sete túneis, separados por câmaras de formato circular com teto abobadado.

O interior da construção recebe do exterior um pouco de ventilação e iluminação através de respiradouros verticais, que medem cerca de 3 metros de altura, apresentando diâmetros variáveis entre 22 e 33 cm. Tais respiradouros devem ter sido abertos com o emprego de um trado, instrumento de forma helicoidal com que se fazem furos de sondagem nos solos. Chegamos a contar a presença de 18 respiradouros no terreno, porém é possível que haja um número superior, pois a contagem é prejudicada pela existência de uma plantação de mandioca. Através dos respiradouros encontrados, pode-se calcular que os túneis e câmaras ocupam uma área de aproximadamente 25 metros de comprimento por 12 de largura.

Segundo o engenheiro-agrônomo Eduardo Henrique Gomes de Carvalho, residente em Canguaretama, na 2ª metade do século passado o português Manuel Luís Gomes adquiriu a propriedade Gruta do Bode, que foi herdada por seu filho Luís José Gomes. A região onde se encontram os Sete Buracos era revestida pela exuberante mata Atlântica, que se estendia até a margem direita do rio Catu, tornando aquele subterrâneo muito

bem protegido da curiosidade humana. A proteção natural proporcionada pela luxuriante vegetação, evitava a indesejável erosão das encostas e o conseqüente aterramento das escavações.

À época em que Luís José Gomes era proprietário da Gruta do Bode, pessoas residentes em Goianinha passaram a retirar clandestinamente terra do interior da gruta, a fim de realizarem exames, na ilusão de encontrarem algum mineral de valor... Impossibilitado de obstar a constante invasão de sua propriedade, Luís José Gomes resolveu então vendê-la à Prefeitura Municipal de Canguaretama, que pretendia ali instalar uma escola agrícola.

Segundo Eduardo Gomes, há muitos anos um grupo de pessoas, ao qual pertencia um primo do informante, deparou-se no interior do subterrâneo com uma porta metálica (de ferro ou bronze), hermeticamente fechada com a ajuda de uma forte corrente. Os participantes do grupo não lograram abrir a misteriosa porta, em virtude de a mesma encontrar-se aterrada até a metade de sua altura.

A localização da porta era bem para o interior do subterrâneo, "visto que a viram poucas pessoas, que naquela época se aventuraram a explorar os mais profundos recantos ainda desconhecidos".

Segundo consta, na aludida porta existe uma inscrição indecifrável. Nos arredores dos Sete Buracos foram encontrados objetos de cerâmica: potes, panelas, etc. Um trabalhador rural arrancando tocos no local, encontrou uma vasilha soterrada, com alça e argola, tudo confeccionado de prata. O pequeno vaso mede cerca de 12 cm de diâmetro, e parece ter servido para colocação de água benta.

Informou-os o sr. José Teixeira de Carvalho Filho, natural de Canguaretama, atualmente residindo nesta Capital, ter penetrado há uns 40 anos nos Sete Buracos, logrando atingir a 9ª câmara! Ali chegado, deparou-se ele com um grande buraco vertical, o que fez retroceder. Segundo José Teixeira de Carvalho, no município de Baía Formosa existe uma outra construção subterrânea, porém com dimensões muito superiores à Gruta do Bode. Fica a mesma na fazenda Estrela, em plena mata da Estrela. Nos arredores do subterrâneo existiam, à época em que o sr. José Teixeira ali esteve, alguns canhões abandonados no solo.

Em 1985 o jovem Eduardo Henrique Gomes de Carvalho aventurou-se a penetrar na Gruta do Bode. Depois de transpor o primeiro túnel, de entrada, Eduardo atingiu a primeira câmara, ou salão circular, que mede



A entrada da Gruta do Bode, em Canguaretama

cerca de 5 metros de diâmetro.

Naquele ano a câmara ainda permitia a permanência de um homem ligeiramente curvado, no seu interior.

Da primeira câmara partem dois corredores, que conduzem a um segundo salão. Ali chegando, Eduardo resolveu regressar à entrada do subterrâneo, pois já temia perder-se no interior da construção... Daquele segundo salão, partiam outros corredores, em direção a uma terceira câmara.

Dentro da gruta a escuridão é quase completa, e ali vive uma imensa colônia de morcegos, cujos detritos, juntamente com a terra trazida pela chuva vêm formando um aterro, no interior da gruta, cuja profundidade ou espessura já atinge cerca de 1,50 metro.

Há alguns anos, o possessor da terra onde se encontram os subterrâneos desmatou a mata que protegia a construção, o que acelerará o processo de aterramento dos Sete Buracos. Levará então a gruta consigo, o mistério que cerca a sua existência...

Qual seria a origem dos Sete Buracos? A População local atribui a construção do subterrâneo aos flamengos, à época em que os mesmos senhoresaram a Capitania do Rio Grande do Norte (1633-1654). O subterrâneo teria sido uma mina holandesa, afirma

a tradição popular...

O professor austríaco Ludovic Schwennhager em seu artigo "As Estações das antigas estradas que atravessaram o Rio G. do Norte e Paraíba", publicado no jornal A REPÚBLICA, edição de 12 de março de 1927, aventou a hipótese de que os Sete Buracos teriam sido realmente uma mina, porém explorada pelos fenícios, muitos séculos antes da era de cristã...

A seguir, apresentaremos os resultados de nossas pesquisas, no sentido de identificar, histórico e geograficamente, a Gruta do Bode:

Em 1609 o Sargento-mor da Costa do Brasil, Diogo de Campos Moreno, escreveu a "Relação das Praças Fortes do Brasil". Tratando da região do Rio Curimataú, onde fora levantado o Engenho Cunhaú, assim se refere aquele Autor:

"A 23 léguas pela terra dentro, na direitura deste rio, descobriu em dois de agosto de 608 o dito Jerônimo de Albuquerque grande quantidade de minas de ferro, com muita comodidade a se beneficiaram, tanto pela navegação deste rio, como porque vêm as ditas minas por terra a estar mui perto da povoação e fortaleza do Rio Grande e se poderá por aquela banda negociar por terra (1)".

Temos, portanto, alguns dados bem

nítidos envolvendo a localização das minas de ferro de Jerônimo de Albuquerque, fundador do Engenho Cunhaú em 1604, e capitão-mor do Rio Grande, de 1603 a 1610:

- 1º- as minas distavam 23 léguas de um ponto não identificado;
- 2º- ficavam as mesmas "pela terra dentro" (afastadas da costa);
- 3º- eram localizadas na direitura (na direção) do Rio Curimataú;
- 4º- havia possibilidade de o minério ser transportado através do referido rio;
- 5º- poderia o ferro também ser conduzido para o Rio Grande (Natal), por via terrestre;

Se admitirmos a hipótese de as 23 léguas serem contadas a partir da Cidade do Rio Grande, na direção do Rio Curimataú, que lhe ficava ao sul, aquela medição excederia a localização do dito rio, atingindo território da vizinha Capitania da Paraíba;

Vinte e três léguas contadas a partir da barra de Curimataú, seguindo a direitura do rio, atingiriam a região do alto Curimataú, em pleno sertão árido paraibano, onde não corriam águas fluviais, senão na estação chuvosa; Todavia, se as 23 léguas forem contadas através do percurso cidade do Rio Grande — Barra do Curimataú (ou Cunhaú) — Engenho Cunhaú — Mina de ferro, tudo se adequará devidamente:

1º — O cronista adriano Verdonck, espião a serviço dos holandeses, informava em 1630, que "de Cunhaú à cidade do Rio Grande, chamada cidade de Natal, há 17 milhas contadas ao longo da costa (2)". Àquela época, a légua e a milha já tinham se tornado sinônimos, no uso popular. Portanto, a barra do rio Curimataú (ou Cunhaú) ficava a distância de 17 léguas em relação a Natal, caminhando-se ao longo da costa;

2º — Diogo de Campos Moreno indica que a distância entre a barra do Curimataú e o engenho de Jerônimo de Albuquerque, correspondia a 5 léguas "pelo rio acima (1)";

3º — ocorria trânsito fluvial pelo rio Curimataú, até o engenho: "meia milha distante deste engenho corre um rio, de três milhas de longo e meia milha de largo, onde as barcas iam carregar açúcar, de 100 a 110 caixas cada barca (3)".

4º — Em 1605 já existia um caminho terrestre ligando a Cidade do Rio Grande à Paraíba. O caminho passava inclusive pelo rio Jacu, proximidades da atual cidade de Goianinha, onde era conhecido como "o caminho dos cavalos, que vai para Cunhaú (4)". O referido caminho passava pela Gruta do Bode, que fica uma légua ao norte do Engenho Cunhaú;

5º — Somando-se às 17 léguas (Cidade do Rio Grande — barra do Curimataú), outras 5 (barra do Curimataú — Engenho Cunhaú), e mais uma do trecho entre o engenho e a Gruta do Bode, teremos aquele total de 23 léguas mencionado por Diogo de Campos Moreno. A Gruta fica próxima da bacia hidrográfica do rio Cunhaú e à beira do caminho que ligava Natal ao Engenho Cunhaú.

EM 1612, o mesmo Sargento-mor Diogo de Campos Moreno escreveu o "Livro que dá Razão do Estado do Brasil". Ao tratar da capitania do Rio Grande, informa o Autor: "Nesta Capitania há minas de ferro, que descobriu Jerônimo de Albuquerque a quarenta léguas da fortaleza, no ano de 608 (5)". Houve, nessa segunda informação de Campos Moreno, uma evidente contradição ao que escrevera ele em 1609...

Apresentamos os nossos agradecimentos às pessoas de Eduardo Henrique Gomes de Carvalho, José Teixeira de Carvalho Filho, Getúlio de Oliveira Sales, Júlio Rezende Nesi, Jeanne Fonseca Leite Nesi, Paulo Roberto Miranda Lopes, Fátima Martins Lopes, Paulo Tadeu de Souza Albuquerque, Edgar Ramalho Dantas, Cícero Cezino de Medeiros e Alfredo Machado, pelas informações e sugestões que nos apresentaram.

(*) Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do RN

(1) GONSALVES DE MELLO, José Antônio. A "Relação das Praças Fortes do Brasil (1609) de Diogo de Campos Moreno", p. 188, in Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambuco, vol. LVII, 1984;

(2) VERDONCK, Adriano. Descrição das Capitanias de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande. Memória apresentada ao Conselho Político do Brasil em 20 de maio de 1630, p. 226, in Revista do Instituto Ar-

queológico e Geográfico, Pernambuco, vol. IX, nº 55, 1901;

(3)Obra citada p.225;

(4) LIVRO DE NOTAS DE NATAL (1678) — Papéis que manda botar nestas Notas Gonçalo Gil. Acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico do R. G. do Norte, Caixa nº 64.

(5) CAMPOS MORENO, Diogo de. Livro que dá Razão do Estado do Brasil, p.79. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1968;